

Crítica // *Transe* ★★★

O arauto da destruição

Ricardo Daehn

Ir a campo, para entender ataques e agressividade de uma ala que opera com fé alentante, à época das eleições de 2018, move personagens que encabeçam essa ficção com a espontaneidade documental orquestrada pelas diretoras Anne Pinheiro Guimarães e Carolina Jabor. Em cena, estão os atores Ravel Andrade, Johnny Massaro e Luisa Arraes — cada um assume personagem que carrega o próprio nome. De imediato, dada a estrutura do longa, fica difícil não surgir a natural comparação com o filme-tese de Jean-Luc Godard, *A chinesa*, de 1967. A diferença é que, mais direto e sem tantas cifras, *Transe* explora atmosfera captada nas ruas.

Datado e abjeto é o discurso daquele sagrado campeão das urnas em 2018 — se resta alguma dúvida, há a exposição em cena (com versão integral) dos discursos insanos para, como ressalta um personagem, o “povo que quer ver sangue” e que caminha, pleno, para um processo de “lobotomização” coletiva. Periferia, direitos humanos, fome e reclame de moradia não sensibilizam, no cenário em que “o acúmulo de riquezas” parece imperar, num cenário em que o desvirtuamento da leitura da *Bíblia* parece comprazer pastores urdidos por projeto de poder.

Uma capacidade de abstrair a polarização nas eleições injeta (na medida da ingenuidade) dignidade na personagem Luisa. O

ARTHOUSE E FILMES DO ESTÁÇÃO / DIVULGAÇÃO



Luisa Arraes
estrela o
intuitivo
enredo de
Transe

filme consegue trazer leveza, ao abraçar doses de psicodelia, ampliar noções de liberdade e remexer nas bases dos inacreditáveis (e tristes) discursos que deram renderam indecente eleição associada ao inominável. Atraso, tortura psicológica e a cegueira do fanatismo são entrevistados

em meio aos “seres inumanos” tragados pelo sabor da irresponsabilidade daqueles descrentes de “tudo” e da farsa que aboliu (e temeu) discursos. Aos jovens do filme resta fazer “mais arte” para espantar a operante percepção da carece generalizada que esteve em cena, há seis anos.

Crítica // *Garfield — Fora de casa* ★★★

Uma das muitas vidas do felino

Numa virada de mesa, que baratina não só os pedidos de lasanha e pizza, via delivery, encomendados pelo mimado gato Garfield, mas, sim, toda a vida dele, um personagem inesperado se projeta na animação de Mark Dindal (*O galinho Chicken Little* e *A nova onda do imperador*). Do nada, na vida de Junior (o Garfield), está o sumido pai dele: Vic. O gato central da trama segue com ódio de segunda-feira e muito glutão, mas não está tão malandro, num pique moderado.

Um sequestro de animais, fator que

aparentemente dá conta de uma vingança, impulsiona uma evolução dos personagens criados, em 1978, por Jim Davis. Para ver reinar novamente a paz, todos estarão implicados num plano de quitação de dívidas estimadas no volume de mais de 1,5 litro de leite. Contando das origens e da versão de ter se disposto a adotar o tutor Jon, Garfield assume, com alguma ironia, a narrativa.

A incursão por uma agitada fazenda que tem por mascotes a vaca Ethal, e o bizarro Otto, a meio caminho entre “a depressão e a

SONY



Garfield
ataca,
diferente, em
Fora de casa

meditação”, colocará Garfield, o pai dele e o cachorro Odie em contato com o mundo real. Nisso está em jogo a superação de um trauma e um intenso treinamento para a invasão à

fazenda. Um touro repleto de pausas dramáticas, e as cenas de solidão e abandono do amado gato divertem tanto as sequências em que é catapultado rumo a um trem em movimento. (RD)